

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO - Agência em Lisboa - P. dos Restauradores, 13-3.º-D. - Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesse

Director, editor e proprietário - ANTONINO DIAS DE CASTRO.

As Festas da Independência de Portugal

1640-1934

E' de jubilo nacional o dia 1.º de Dezembro, dia da Restauração da Independência de Portugal.

Passou, ontem, o 294.º aniversário desse dia glorioso e de esufiante alegria para o coração de todos os portugueses, dia a que Lisboa dá invulgar esplendor e realce, pois foi dela que partiu o gesto que nos havia de redimir. Essa data alegre e tocante de entusiasmo, ecôa retumbantemente por todo o país, como nenhuma outra, porque nenhuma outra a excede, nem mesmo a iguala, em significação patriótica e plena do mais levantado civismo. E' que «Independência» e «Liberdade» confundem-se! Os vexames, as humilhações, as afrontas de tôda a espécie, os impostos excessivos e injustos e, mais que isso, a nomeação, exclusiva, de espanhóis para os mais elevados cargos e os ataques às nossas colônias, proposadamente deixadas indefesas, à mercê da cubia dos ingleses como dos holandeses, desgostaram sobremaneira o povo. Então, após sessenta anos de opressão violenta, sob todos os aspectos, meia dúzia de patriotas dum só fé, sedentos da «Independência» da sua Pátria e da «Liberdade» da sua consciência, conjugaram-se, para pôr termo à mais humilhante situação a que um povo pode ser sujeito e planeiam — em boa hora — a revolução do dia 1.º de Dezembro de 1640. João Pinto Ribeiro e Sanches de Baena, à cabeça, com mais fidalgos, invadem os Paços da Ribeira, naquele dia, às 9 horas da manhã, depois de terem aniquilado a resistência da guarda do Paço, prendem a vice-rainha, Duquesa de Mantua, e vitimam o secretário de estado, o famigerado Miguel de Vasconcelos, que lançam pela janela. O povo secundado com entusiasmo crescente e fervoroso o gesto dos heróis; a revolução propaga-se e alastra-se consoladoramente, tornando-se dominadora e triunfante. Ganhára-se em poucas horas o que estivera perdido durante sessenta anos! O amor da Pátria de meia dúzia de homens, secundados pelo povo, sempre generoso e pronto a verter o seu sangue pela «Liberdade», redimira, em horas, tôdas as afrontas, humilhações e vexames que, em sessenta anos de cativo mental, nos tinha inflingido a dominação Filipina. Seguidamente é aclamado rei o Duque de Bragança, D. João, que sobe ao trono com o nome de D. João IV. Era o raiar da Independência de Portugal! Era o alvorecer duma nova dinastia! Era a morte pura e simples da escravidão! Era o estertor agônico dos Filipes em Portugal! E, não obstante os esforços porfiados e constantes de Castela, conjugados com o auxílio de alguns fidalgos portugueses de má raça, para, de novo, nos oprimir, jamais o conseguiu. A «Guerra da Restauração» iniciada logo no começo do reinado de D. João IV, não deu a Castela os apetecidos resultados, mas antes a perda da *Batalha de Montijo*.

A continuação da guerra com o mesmo fim, no reinado de Afonso VI, ainda foi mais funesta para Castela, porque os seus exércitos foram derrotados nas *Linhas de Elvas, Ameixial, Castelo Rodrigo e Montes Claros*.

Só no reinado de D. Pedro II, depois de 1667, terminou a Guerra da Restauração, guerra que andou por 27 anos. E' preciso, consequentemente, juntar ao feito de 1640 o pormenor da duração da *Guerra da Restauração* para bem se avaliar e ponderar o alto significado e o valor da Revolução de 1640.

Já durante a regência da impudica Leonor Teles, a Independência de Portugal estivera em perigo; salvou-a o Mestre de Avis, depois D. João I, com o auxílio desse incomparável guerreiro D. Nuno Alves Pereira e não menos incomparável tribuno João das Regras; a espada do primeiro e a eloquência do segundo, foram os dois poderosos auxiliares do rei que deu origem a uma nova dinastia: a de Avis.

A *Batalha de Aljubarrota* assegurou definitivamente a nossa Independência, prestes a ruf, e pôs em fuga desordenada o exército de Castela. Santa Maria da Vitória, na *Batalha*, é o atestado mais glorioso do esforço gigantesco e fenomenal da *Batalha de Aljubarrota*, que deu brado ao mundo inteiro.

Para consagrar o feito do 1.º de Dezembro de 1640 e homenagear os «Restauradores da Independência», erigi em Lisboa, no ano de 1886, por subscrição pública, a *Comissão Central do Primeiro de Dezembro de 1640*, um grandioso monumento, situado à entrada da Avenida da Liberdade — na Praça dos Restauradores — onde, nos suas quatro faces, em letras de bronze imorredouro, estão indicadas as terras e as datas das batalhas que se feriram em prol da nossa Independência. E' em frente desse monumento, altar da Pátria, ao ar livre, que no dia 1.º de Dezembro passam em continência os contingentes das diversas unidades do exército de terra e mar, como do ar, bem como centenas de alunos das escolas e colégios, tanto militares como civis. E' ali que, tanto as mais altas patentes militares como os mais elevados cargos civis, prestam a sentida homenagem cívica aos obreiros da nossa sacrossanta Independência. E', finalmente, ali à luz espelhaante do sol ou sob a intempérie, que a alma popular dá largas à alegria que nos provém da augusta e sublimada Independência da Pátria!

A ocasião é propícia à apresentação dum alvitre aos ilustres membros da Comissão Administrativa da Câmara de Guimarães, aos quais impetro a sua esclarecida atenção para o assunto. Ei-lo: — Festejando-se — e muito bem — com grande solenidade o dia 1.º de Dezembro, como data inolvidável da Restauração da nossa Independência, porque motivo ou razão, não se há-de solenizar a data básica da nossa nacionalidade, ou seja, a nossa Independência do reino de Leão, conquistada pelo esforço ingente de D. Afonso Henriques, filho — o maior entre os maiores — da vetusta e nobre Guimarães?

Se é certo que nós portugueses amamos a nossa Independência, porque não se há-de solenizar também, com o mesmo fervor patriótico e entusiasmo cívico, a data em que pela vez primeira, embora já muito distante, o que pouco importa, raiou a aurora bendita e sacrossanta da nossa Independência básica? Porque motivo não há-de ser — sem desdouro para o 1.º de Dezembro — de feriado nacional o dia em que a nossa Independência viu a luz do dia em Portugal? Se a ideia, uma vez estudada e devidamente ponderada pelos membros da ilustre Comissão Administrativa vingasse e fosse levada a efeito, Guimarães, por quem tenho empenhado o meu fraco esforço, prestaria a mais alta e mais penhorante homenagem ao fundador da nacionalidade, seu filho, o mais dilecto e venerado. A ocasião parece-me das mais azadas para ventilar, discutir e resolver o assunto, visto estar em curso a ideia de se levantar, em Lisboa, dentro do Castelo tomado aos mouros, uma estátua a D. Afonso Henriques.

Escusado será encarecer as vantagens de tôda a ordem que da solução da ideia, salva a modéstia, adviriam para a nobre Guimarães. Guimarães teria talvez, ainda, ocasião de rememorar os dias dos seus tempos áureos de primeira capital da Nação e o seu esplendor de há mais de oitocentos anos. Não move a ambição de mais um feriado, àquele que, felizmente, já tem os que quer e ambiciona somente ser útil à sua terra adoptiva, movido pelo sentimento do amor da Pátria, não comum de todos os portugueses. Guimarães, além dos seus dirigentes, tem valores intelectuais que se podem interessar pela ideia exposta grosso-modo é certo e sem pretensões, que êles podem burilar, dando-lhe conceito e forma adequada. Arautos também não lhe faltam porque vai ter, no futuro parlamento, pelo menos, um dos seus filhos, dos mais distintos e que mais lhe quer: o sr. Dr. João Antunes Guimarães. Há de tudo, felizmente. Assim haja vontade de servir e engrandecer Guimarães.

Lisboa, Novembro de 1934.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

Esquema semanal

TEMPO BRUMOSO

Quando o Presidente Wilson concebeu a ideia da Sociedade das Nações, tinha por fim tornar impossível, no futuro, qualquer agressão pela organização da assistência mútua, inscrevendo este principio nos Art.ºs 10.º e 16.º do Pacto, aprovado pelos delegados dos diferentes países. São decorridos apenas 16 anos, e a promessa feita naquele arcótipo parece desligar-se ou esquecer. *Irmamente* os vários povos se arreganham os dentes como qualquer molosso de quinta, accusa tu, acuso eu, numa sencermónia idêntica àquela com que o *Katser* proclamara ao mundo: — *Tratados são papéis!*

E' confrangedor que à custa de vidas inofensivas os pretensos «condutores» de povos queiram ver resolvida a questão económica ou social de cada paiz, sobre-carregando mais e mais o erário público com os novíssimos armamentos e a última palavra em mortíferas drogas químicas.

ABSOLVIÇÃO

Aquele já célebre financeiro americano Insull, que se viu corrido dos gregos, búlgaros, turcos e egípcios e que mais tarde foi apanhado a bordo do seu *yatch*, julgado com os seus desasseis cúmplices, foi absolvido da acusação de ter utilizado o correio para defraudar os accionistas em 143 milhões de dólares.

Tanta celeuma, tanto dinheiro gasto em papel selado, para que por fim o «moderno Aladino» fosse mandado em paz, pondo termo a um dos maiores processos financeiros que já passaram pelos tribunais dos Estados Unidos e que levou 2 meses em julgamento!

EXPOSIÇÃO COLONIAL

Sobre o último certamen realizado no Porto, no decorrer do verão, a Sociedade Anónima da Exposição Colonial reuniu-se em Assembleia e apresentou as seguintes contas:

Recetta:	
Depósito bancário	808.008\$48
A receber da C. P.	94.309\$00
A receber de concessões	20.000\$00
922.317\$48	
Despesa:	
Energia eléctrica	99.000\$00
l camioneta	26.500\$00
Queimane	23.000\$00
A's tipografias	21.000\$00
Serviços de restaurante	169.500\$00
Reembolso aos accionistas	100.000\$00
Para o Monumento de Esfôrço Colonial	82.500\$00
Despesa total 352.000\$00	
Recetta 922.217\$48	
Saldo 570.217\$48	

A Assembleia votou uma proposta com a sugestão de ser aplicado o referido saldo em obras de beneficência do Norte do País, o que levou alguns periódicos a aventarem a lembrança de que aquele saldo foi angariado à custa de indivíduos de todo o País, insurgindo-se contra tal decisão.

S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Pelo Decreto n.º 24.657 foi definitivamente fixada a divisão administrativa da colônia do Império — S. Tomé e Príncipe.

POPULAÇÃO DE MOÇAMBIQUE

Do «Boletim Económico e Estatístico» tiramos os dados a seguir: Estimativa da população indígena de Moçambique em 1932.

Districtos	Total	Varões	Fêmeas
L.º Marques	545.324	271.193	272.131
Inhambane	323.824	157.062	166.762
Queimane	912.744	427.108	485.636
Teie	383.667	173.211	210.456
Mocimboque	938.447	439.943	498.504
Cabo Delgado	388.281	170.723	217.558
Niassa	162.141	75.088	87.053
Manica e Sofala	338.748	191.591	147.157
Total geral. 3.993.176 1.905.919 2.087.257			

O INCIDENTE DO ALGARVE

O «Primeiro de Janeiro» de 25 do mês findo, em editorial firmado pelo seu director, sr. Dr. Marques Guedes, descreve o incidente do Algarve que originou a morte do arrais português e um naufrágio, ocorrido na foz do Guadiana, na versão seguinte:

«Quando dos acontecimentos revolucionários do passado Outubro em Espanha, três ou quatro persona-

lidades políticas da vizinha República atravessaram a fronteira e refugiaram-se em território português, em Vila Real de Santo António. Não há extradição por motivos políticos. O que pode haver é o pedido, feito por um Estado a outro de que faça internar ou até sair do seu território os emigrados políticos, cuja vizinhança na fronteira passa ser motivo de receios ou de perturbação da ordem pública. O Governo Português convidou os emigrados espanhóis no Algarve a saírem do nosso território. Eles escolheram Gibraltar para refugio. Fretarum o veleiro «Ramos» e um dia levantaram ferro para demandarem aquela praça inglesa. Mas, a policia costeira espanhola estava de prevenção e resolveu assaltar, como assaltou, o barco português para dêle colher os fugitivos. Não tendo este respeitado os sinais para parar, os navios espanhóis (eram dois) abriram fogo, tendo resultado morto o arrais português. Abordado o nosso barco, foram passados ao bordo duma das embarcações espanholas e conduzidos presos a Ayamonte os três políticos emigrados, que pretendiam refugiar-se em Gibraltar. Este relato séco, digamos assim esquemático, do incidente».

E depois de descrever vários pormenores relatados pelo comandante do veleiro português, termina dizendo: «Não foi um mero capricho dos homens que fez Portugal uma nação independente. Rios, serras ou simples fronteiras convencionais estão de facto delimitando de Caminha a Barca d'Alva e a Vila Real de Santo António, dois povos e duas nacionalidades bem diferentes...».

LÉFECÉ.

Duas palavras, só, Sr. Santos...

Vamos conversar um pouco e pela primeira vez, sr. Santos: apenas duas palavras. Não queremos, de forma alguma, importuná-lo, roubando-lhe um tempo precioso e obrigando-o a desviar a sua atenção dos assuntos camarários, das suas atribuições no Liceu, da chefia dos escoteiros e de qualquer projecto que de momento lhe interesse na Comissão de Inicialidade e Turismo.

Por tudo isto, repetimos: Duas palavras, só, sr. Santos.

Feitas, por conseguinte, estas ligeiras observações, vamos ao que importa: O nosso jornal dirigiu à Câmara da sua presidência uma carta a solicitar qualquer importância destinada à publicação do número do Natal. E tudo isto por curiosidade apenas, sr. Santos. Essa importância, a ser-nos concedida, destinávamo-la aos pobres protegidos pelo «Notícias de Guimarães», e não à liquidação da conta da tipografia.

Quisemos experimentá-lo, a ver o que daí saia e o resultado viu-se: A Câmara esgotou tudo quanto tinha incluído no orçamento para publicações e agora fica a aguardar a acção futura do nosso jornal.

A acção futura será como a presente e como a passada: honesta, criteriosa e bairrista: Não costumamos jogar com um pan de dois bicos...

Mas... a verba esgotou-se! Não admira. Nós já o sabemos!

Alvitramos para que o futuro ano económico seja triplicada essa verba; assim, o «Correio do Minho», poderá singrar mais a vontade nas águas desta Província e os Escoteiros poderão ir deabalada a Londres, exhibir-se perante Sua Majestade Jorge V e o chefe Baden Powell...

O sr. não contente com a primeira verba dada em Agosto do corrente ano ao «Correio do Minho», concedeu, agora, em sessão de 15 de Novembro, um novo subsídio da importância de dois mil e quinhentos escudos, ao mesmo jornal.

E para quê, sr. Santos? Nós estamos daqui a ver o «Correio do Minho», a dizer: Guimarães tem micrórios e retretes por tôda a parte, possui as suas artérias bem calcetadas, mas o Teatro Municipal e um novo edificio dos Paços do Concelho pronto a funcionar...

O problema rural, a assistência à gente humilde, a água e a luz são assuntos já resolvidos pela privilegiada cabeça do sr. Santos.

E nós, que daqui concordamos em absoluto com as futuras afirmações do «Correio do Minho», diremos mais: Sr. Santos! V. é um expoente máximo e insubstituível que só de Freixo de Espada-à-Cinta poderia vir, qual Messias, ensinando ao País inteiro o que em cinco meses de gerência se pode fazer em Guimarães. Os nossos parabéns por essas obras grandiosas. Por agora, mais estas palavras, só, sr. Santos:

O nosso jornal é pobre, não tem oficinas próprias e nem sequer é subsidiado por entidade alguma; é pequeno, vive dentro

Várias Notas

Muitos dos nossos leitores gostaram da maneira como aqui se discutiu certo assunto de que a opinião pública, embora serenamente, se está ocupando.

Dissemos aquilo que entendemos dever dizer, não só porque este jornal é defensor dos interesses locais como também porque gostamos de transmitir, sempre, aquilo que se discute pelos centros de reunião.

Que em Guimarães há pessoas com competência bastante para desempenharem os cargos mais elevados adentro das diversas colectividades, isso ninguém pode negá-lo, mas que a nossa terra tam desventurada, até desventurada é por ter a dirigi-la, muitas vezes, pessoas estranhas, também é uma verdade.

Nós não negamos aos estranhos o direito de mandarem cá dentro, pois muitos dêles são pessoas competentes, que aqui vivem e aqui adquirem os seus recursos, mas o que queremos é que os de fora não estivessem a contrariar, algumas vezes, a vontade dos donos da casa.

Vão realizar-se brevemente as eleições das Câmaras Corporativas.

Em Guimarães, se forem cumpridas as determinações da Lei, tal acto não pode realizar-se, pois o artigo que manda publicar o Edital do Recenseamento em dois jornais da localidade, havendo-os, não foi observado. O «Notícias de Guimarães» não o publicou, porque se negaram a pagar-lhe, convenientemente, tal publicação.

Fica desde já anotado este facto, que nos parece interessante e muito oportuno.

ESPUMANTES NATURAIS
«RAPOSEIRA»
Vinhos perfeitos, deliciosos e de reputação consagrada.

Será preciso?

Não sabemos qual a razão por que o sr. Reitor do Liceu Martins Sarmento manda fechar, durante as horas lectivas, o portão que dá entrada para este estabelecimento de ensino. Tratando-se de um estabelecimento público, não nos parece muito regular a determinação de se ex.º, a não ser que em vez de um liceu esteja, embora sem conhecimento nosso, a funcionar ali, novamente, o antigo convento de Santa Clara. Valha-nos Deus, sr. Reitor! V. Ex.º devia lembrar-se de que tudo que é de mais é erro e de que as grandes exigências são, em muitos casos, a lembrança de grandes males. V. Ex.º deve habituar-se a compreender melhor este mundo, porque, a continuar assim, dá a impressão de que é o mundo que o não sabe compreender, o que, aliás, não sucede.

ESPUMANTES NATURAIS
«RAPOSEIRA»
Inegaláveis, inimitáveis e insuperáveis.

CONVITE

Convidam-se o «Comércio de Guimarães» e todos as correspondentes noticiosos e desportivos desta cidade, a comparecerem na redacção do «Notícias de Guimarães», sita à Rua da República, pelas 21 horas da próxima segunda-feira, dia 3, para assistir a uma reunião de grande interesse para a terra que representam, e para realizar uma maior coligação jornalística.

Guimarães, 1-Dezembro-1934.
Antonino Dias de Castro.

ESPUMANTES NATURAIS
«RAPOSEIRA»
Não pertendem ser, mas são, de facto, os melhores.

ESPUMANTES NATURAIS
«RAPOSEIRA»
Produtos de alta qualidade e de preços justificáveis.

COISAS & LOISAS

ATÉ QUE ENFIM I...

Principiaram obras no tam célebre e tam popularizado "Castelo dos Desalmados". Não sei em que consistirão essas obras, mas, por umas ligeiras informações que colhi, parece tratar-se de substituir a parte da frente — esse escarro nojento — pela outra parte que lhe está oposta, onde há, segundo dizem, alguma coisa que cheira a Arte. Uma vez que se verifique que nem se perden tempo nem dinheiro, poderá tolerar-se esta solução. Veremos, pois, no que o monstro se transforma e se não haverá necessidade de o arrasar mais tarde, como está previsto na profecia...

COM FRIEIRAS

Aqueles passeios da rua 31 de Janeiro têm sido um verdadeiro martírio. Depois de uma tremenda camada de beixos, cujos sinais ainda hoje estão bem salientes, encontram-se, agora, com uma quantidade grande de frieiras, mas daquelas que abrem, que produzem chagas. Estão num estado que inspira compaixão e para o qual se deve voltar a misericordiosa atenção do sr. vereador das Obras. Uma rua tam elegante e tam catita é digna de ser aliviada dos efeitos das doenças que a têm atacado, porque, caso contrário, perderá uma grande parte da sua beleza.

ANÁLISE DO LEITE

O "Notícias", já se referiu, no seu último número, à inauguração do Laboratório de análises do leite e laticínios, dirigido pelo competente e zeloso Veterinário municipal, sr. dr. Joaquim de Barros, que muito se interessou por este melhoramento, assim como o sr. dr. José Maria de Castro Ferreira, digno vereador da Higiene, que, pensando de modo diferente daquela que pensava o seu antecessor, julgou indispensável este melhoramento, pugnando pela sua realização desde que assumiu as funções que está a desempenhar. E assim se constata que alguns melhoramentos, mesmo os inadiáveis, não se fazem por não haver quem se interesse por eles. Neste caso, a ignorância era a causa mais lamentável, quer essa ignorância fosse real, quer fosse fingida, sendo esta mais condenável do que aquela. Felizmente, apareceu quem reconhecesse, como representante da C. A. do Município, que o referido Laboratório se tornava absolutamente necessário, tal terá sido, no geral, a elevada percentagem do número de vítimas do leite impróprio para consumo. E, portanto, quero eu dizer que tendo falado, por diversas vezes, neste assunto, não deveria deixar de voltar a referir-me a ele, agora com mais satisfação, visto já ser uma realidade. Cá estou, pois, a fazê-lo, não para me alargar em mais considerações, mas, unicamente, para felicitar, especialmente, os meus prezados amigos srs. drs. Castro Ferreira e Joaquim de Barros. Para futuro, despauera o receio de se tomar uma chávena de leite, porque já há meio de inutilizar a destruidora acção do implacável micróbio. Longas prosperidades!

O QUE TAMBÉM SE PREGUNTA

Uma das perguntas que anda de boca em boca, e de uso muito corrente, é esta: — E o que há a respeito de Teatro? Naturalmente, esta pergunta, feita com certa insistência, fundamenta-se no facto de fazer parte da actual C. A. do Município um senhor vereador que à questão do Teatro sempre dispensou uma atenção muito especial. E como estas coisas lembram sempre, será, talvez, este o motivo por que muitos vimaranenses e alguns estrangeiros — o termo estrangeiros é propriedade doutros — aguardam uma resolução definitiva sobre a construção de um Teatro. Quanto a mim, não me surpreende a demora, não só por que é preciso saber esperar, mas também por que a vontade de algum ou de alguns senhores vereadores pode não ser a vontade de todos. Se todos pensassem da mesma maneira, o aumento da *barcaça Administrativa* poderia ser mais acelerado e a opinião pública não teria razão para lamentar alguns empenhamentos respeitantes ao interesse geral. No meio de tudo, o que não está certo é que se faça sofrer o justo pelo pecador. Eu, que não estou a desempenhar o papel de queixoso, enten-

do que assim deve ser. Além disso, a paciência e a prudência, são, em muitas emergências da vida, boas conselheiras e, como acima digo, também é preciso saber esperar, porque o tempo tudo modifica. Não desanimem, pois, todos aqueles que querem um Teatro e outros melhoramentos. O que não se fizer em dia de Santa Luzia, ficará para outro dia.

COMBÓIO AVARIADO

O meu amigo Jerónimo Sampaio, que há tempos principiou a organizar um *combóio especial para ir sem rails*, até ao cimo da maravilhosa montanha da Penha, parece ter dado conta de uma pequena avaria, mas sem gravidade de maior, em virtude do que será reparada dentro de pouco tempo. Oxalá assim seja e que aquele tempo não continue a ser vítima das muitas contrariedades que o mundo encerra. Mas, não descarrilhando o combóio, as esperanças do bom resultado da sua iniciativa não devem julgar-se perdidas. Que seja feliz e que o número de passageiros continue a aumentar.

POR CÁ, NÃO, COMO LÁ!

A Associação Comercial de Braga participou ao sr. Governador Civil que aceitava o encargo de realizar as Festas da Cidade, em 1935. O "Correio do Minho", disse, sobre esta resolução, o seguinte: "..... Confessamos, sinceramente, que nunca esperamos outra atitude de quem representa a expressão do nosso comércio e da nossa indústria e que, por isso, é a primeira colectividade de Braga. E' para louvar, o procedimento da Associação Comercial, que procurou assim, ir de encontro ao que supôs (com verdade), ser sua obrigação, porque representa a classe que mais lucra com a realização das Festas e porque está no seu ânimo auxiliar devotadamente todas as iniciativas que se destinam a promover ou a assegurar o engrandecimento Bracarense....."

Sem prejuízo da consideração que tenho pelas pessoas que constituem a Direcção e de mais gerência da Associação Comercial de Guimarães, peço licença para fazer uma só pergunta:

¿ Não seria motivo de grande satisfação para os corpos gerentes desta colectividade (a de Guimarães) se outro tanto se pudesse dizer da sua acção e do seu bairrismo?

EMBORA TARDE, CHEGOU UMA ESPERANÇA!

Guimarães vai, finalmente, erigir um monumento aos Mortos da Grande Guerra, saldando, deste modo, uma dívida de gratidão. Chegou, portanto, até junto de todos os vimaranenses a esperança de verem realizada uma já velha aspiração — a de ser prestada a devida homenagem aos militares, de entre os quais os filhos desta terra, a quem as balas do inimigo tiraram a vida. E' uma justa veneração e uma bem merecida gratidão. A C. A. do Município concorrendo, inicialmente, com a quantia de 30 contos para o referido monumento, cumpriu um dever do qual não se poderia desligar dignamente. Mas, mesmo que sobre si passasse esse dever, isto não quer dizer que a sua deliberação não seja digna dos aplausos de todos aqueles que sabem cultivar no seu coração o reconhecimento do sacrificio, da dor e da saúde!

JUSTOS MELINDRES

Um meu prezado amigo e ilustre Cronista desportivo de uma gazeta muito conhecida, é digno de ser felicitado pelas criteriosas e oportunas considerações que fez sobre o desporto, na sua última crónica. Foi pena, no que diz respeito à língua das mulheres de Braga, às tais de *pêlo na benta*, não se lembrar do que são algumas de Guimarães, onde as há de *pêlo na benta* e com coragem para *desançar* o marido com o *tôco* de uma vassoura. Pelo contrário, lembrou-se das mulheres de uma terra que não se preocupam com coisas de futebol. Estas, que também têm a referida gazeta, resolveram, segundo me consta, protestar contra tal insinuação, mas por esta forma muito curiosa: Depois de indagarem quem é o autor de tal crónica desportiva, tencionam oferecer-lhe uma *língua de ouro*, com a dedicatória seguinte:

"Ao sr. F..., que tem uma língua de prata, recomendamos o uso desta, quando

O problema da Luz em Guimarães

Em Guimarães há vários e importantes problemas a resolver, quer propriamente na cidade quer mesmo em toda a grande área abrangida pelas oitenta e tantas freguesias. De alguns desses problemas se têm ocupado já estas colunas pelas penas brilhantes dos seus ilustres colaboradores, muitas vezes, pela caneta humilde de quem dirige este periódico, outras.

De entre os variados problemas ventilados depara-se-nos, agora, o da iluminação, que, embora levemente conhecido, preocupa já inúmeras pessoas. Assim o temos constatado não só pelas perguntas que nos têm sido dirigidas, mas também e muito principalmente, por conversas que surpreendemos, agora e logo, aqui e acolá.

Como todo o nosso interesse está em prestar à cidade algum benefício, veionos à lembrança ouvir o sr. Bernardino Jordão, concessionário da Luz electrica de Guimarães, para depois elucidarmos os nossos leitores.

Se bem o pensamos melhor o fizemos. Manhã cedo, ainda, no domingo, subimos a Avenida Cândido dos Reis e, pelo caminho, parecendo ouvir o que para aí se diz, ia-nos filosofando: acabar a luz de dia?..... E as pequenas indústrias?.....

Entramos no jardim do Palacete de Vila Flor. A pouca distância Bernardino Jordão, homem activo e empreendedor, examinava as roseiras do seu quintal. Aproximamo-nos lentamente e, quasi à sua beira, somos surpreendidos.

— Olá amigo! Então que o traz por cá? diz-nos, sorridente o *podador* de horas vagas.

— Um assunto, sr. Jordão; respondemos, depois dum rápido cumprimento.

— Estou às suas ordens. Recemos entrar, logo, no assunto que ali nos levára mas, o receio de perdemos a oportunidade, obrigou-nos, embora laticamente, a principiar.

— Lá por baixo dizem-se coisas..... Bernardino Jordão compreendeu. Sorriu, passou ao de leve a mão pela frente e interroga:

— Dizem então.....

— Que as tarifas da iluminação vão ser aumentadas, que vai acabar a luz de dia, que as pequenas indústrias serão sacrificadas.....

— E' possível.

O boato parecia ter uma finalidade, era necessário conhecer a questão. Tudo isto bastava para que a entrevista se fizesse.

— Sr. Jordão, continuamos, nós viemos aqui em busca de dados que nos habilitem a responder aos leitores — a informar a cidade. Vai conceder-nos uma ligeira entrevista.

— O meu amigo Antonino, já estou

tiver de fazer justiça às mulheres do P. de R....

E vá a gente escrever coisas — mesmo a título de uma simples brincadeira ou com o fim de arriar algum amigo — atingindo quem está inocente. E, além disso, algumas mulheres não querem, que lhes toquem, nem mesmo com uma rosa!...

Todavia, pior do que isto — mas incontestavelmente pior — são as referências que alguns jornalistas e outras pessoas de Braga têm feito à população de Guimarães, indo desde o exagero à calúnia, pondo de parte todos os preceitos da correção e passando por cima da verdade como que se ela fosse um farrapo imundo. Não é assim que se faz jornalismo. Quem assume uma responsabilidade destas tem de ser justo, tem de ser imparcial, tem de poupar os inocentes, tem, enfim, de separar o trigo do joio. A população de Guimarães, que na sua quasi totalidade só poderá pecar por excesso de delicadeza, não pode estar à mercê de quem lhe faça insinuações torpes e vexatórias. Está bem que se defenda a dignidade da gente honesta de Braga, mas sem atacar a da gente honesta de Guimarães, cuja consciência está tranquila.

velho para essas coisas, demais falar para um jornal....

— Pois é precisamente o jornal que aqui nos traz. O sr. que tem uma larga experiência da vida pode informá-lo. Julga-se velho, já; mas os anos falam... E falando ao jornal o sr. fala ao público, informa-o, também.

— Uma vez que se trata de informar o povo....

— Precisamente isso. Estamos de acordo.

Num banco do jardim, afastados do bulício da cidade, a conversa prosseguiu.

— Como o meu amigo sabe eu nunca dei entrevistas e, francamente, custa-me.

— Faça de conta que conversa com um seu cliente e a impressão desaparecerá.

— Isto é uma história, muito comprida, bastante complicada. Vai ouvir:

Em virtude da rescisão dos dois contratos de prorrogação da concessão para o fornecimento da luz estou desligado ou desobrigado do fornecimento que vinha fazendo.

— Mas então....

— A Câmara resolverá o assunto. Nós é que não estamos dispostos a fazer o fornecimento como até agora. E se a Câmara não resolver tal assunto com rapidez, deixaremos de fazer o fornecimento diurno e às pequenas indústrias, a que estávamos obrigados pela prorrogação feita em 1919.

— Tínhamos alguma razão quando lhe expusemos, há pouco, os motivos desta entrevista. Razão têm, também, alguns consumidores, para andarem apreensivos.

Diga-nos, sr. Jordão, em que data foi feita a prorrogação que antecedeu a de 1919?

— Foi feita em 1913 e com as seguintes vantagens: O preço da luz que nessa época era de \$18 baixou para \$16. O preço por lampada para a iluminação pública que era de 13\$00 por ano, baixou para 12\$00. O poder iluminante da referida iluminação era de 16 velas e passou para 32. Além destes benefícios ficamos obrigados ao fornecimento gratuito de 22 lampadas de 200 velas cada. Porém, como esta deliberação foi submetida à sanção da auditoria, esta lembrou a conveniência de que a Câmara ficasse com o direito de rescindir o contrato, estabelecido, embora, que, neste caso, teríamos de receber não só a importância equivalente às 22 lampadas de 200 velas e à diferença entre 12\$00 e 13\$00, mas também aos juros que nunca poderiam ser superiores a 6%.

Nesta conformidade já apresentamos à Câmara essa conta na importância de 83.388\$71.

— E no que diz respeito à prorrogação de 1919?

— A prorrogação de 1919 foi motivada por uma representação coberta por muitas assinaturas dos habitantes da cidade, em que pediam à Câmara para conseguir do concessionário que a luz fosse estensiva às horas do dia e assim se poder, também, beneficiar as pequenas indústrias, fornecendo-se-lhes corrente. Fui ouvido e escusado será dizer-lhe que imediatamente tratei, junto do meu Engenheiro-Consultor do assunto, tendo-me aquele informado, rapidamente, de que a modificação a fazer não só na Central como na rede da cidade, orçaria por trinta e tal contos. Respondi, então à Câmara, que estava disposto a enfrentar tal despesa, desde que aquela entidade me garantisse o juro de 6% sobre aquela importância.

A Câmara, depois de ponderar, resolveu propor-me, em troca desse grande benefício, a nova prorrogação por 10 anos. Aceitei. Feito o contrato por escritura pública dei início à instalação das cabines e obras de modificação em toda a rede da cidade, para assim poder fazer com toda a regularidade o fornecimento a que me comprometera.

Uma criada que se aproxima vêm interromper o interessante diálogo. Eram horas do almoço. Chegavam até nós, como que a anunciar-nos também as horas da refeição, as doze compassadas badaladas do meio dia. Recolhemos à pasta dos nossos serviços os ligeiros apontamentos ali colhidos e, antes da despedida, procuramos combinar novo encontro. O assunto era tam palpitante....

— No domingo, à mesma hora?

— Já agora, completaremos a obra.... os dias da semana tomam todo o tempo para as nossas ocupações....

— Obrigado sr. Jordão. Desculpe-nos, mas a missão a isto nos obriga. ...A missão e os leitores.....

DESPEDIDA

Ao sair desta pitoresca terra para mim de tão gratas recordações, não só pela sua tradição histórica como ainda pela fidalguia e generosidade de sentimentos dos seus ilustres habitantes, não posso deixar de significar, por este meio, quanto de gratidão levo na alma pelas inúmeras provas de consideração e estima com que todos me honraram.

A todos, porém, que à última hora me honraram com inequívocas provas de muito apreço, e ainda a todos, e muitos são, que subscreveram uma esplêndida mensagem de elogio ao homem e ao magistrado num belo gesto de perfumada beleza, o mais inconfundível da minha gratidão; enfim, para todos os ilustres vimaranenses, Imprensa, correspondentes de jornais de grande informação, meu Ex.º colega Sr. Dr. Delegado, Ex.º Administrador do Concelho, Ex.º Câmara, funcionalismo público, ilustres colegas advogados, conservadores do registo predial e civil, Ex.ºs médicos, farmacêuticos e membros do Clero, proprietários, industriais e comerciantes levo como ao Povo humilde e sempre grato ao meu coração o sentido adeus de despedida com o oferecimento do meu préstimo em Espinho.

Guimarães, 1 de Dezembro de 1934.

Francisco Nunes Correia.

Espinhos e acúleos

I
Todos dizem: *Ninguém ria do mal que sofre o vizinho;*
Por nada o rifão valia
Se o mal trocasse o caminho.

II
Quando passas junto a mim
Hás-de sempre de corar!
— Não devia já ter fim
Esse teu envergonhar?...

III
Afronta de cara os p'rigos,
Não te perca outra ideia;
Sabe que «quem tem amigos
Nunca morre na cadeia».

IV
Vejo-te sempre na igreja,
Rezando não sei por quem...!
Mas por quem quer que isso seja,
Diz se lucras algum bem?!

V
«Amor picado é dobrado»,
A mulher nisto atenta...
Sempre o mar encapelado
Foi prenúncio de tormenta.

VI
Bom prazer e bom proveito
Se deseja a toda a gente;
— Que lh'o faça de bom geito,
Já o dizia o Gil Vicente.

VII
Não queiras ser o primeiro
A julgar-te bem louvado;
— «Todo o mundo é lisonjeiro
E ninguém desengano».

L. COELHO.

«Divagações Etimológicas acêrca do Nome de Portugal»

E' o título em que a expressão e a extensão vão de mãos dadas.

E' o recente volume que lançou à publicação aquele profundo investigador que é o sr. Tenente-Coronel Adriano Mendes Streck de Vasconcelos.

Honrou há meses o nosso *Notícias* com largo estudo sobre o étimo de *Guimarães*.

Agora oferece aos netinhos para instrução e recreio (pobres pequeninos!) dezêto capítulos, onde as origens dos termos *Gala, Douro, Pôrto, Portugal, Lisboa*, vão buscar raízes variagadas ao caldeu, ao hebreu, ao síriaco, ao egípcio, ao fenício, ao grego, ao ático, ao helénico, ao dórico, ao sueco, ao suévo, ao céltico, ao árabe, ao ibérico, ao biscaíno, ao espanhol, ao castelhano, ao visigótico, ao germânico, ao alemão, ao escandinavo, ao teutónico, ao tudesco, ao francês antigo, ao latim, ao italiano, ao inglês, ao português....

E se mais línguas houvesse, mais mexera!...

Formidável trabalhador!
Arrastante cabouqueiro!
O que é de lamentar, é que o tremendo linguista sabe muito demolir, mas não consegue edificar.

Só para a palavra *Douro* apresenta vinte e seis etimologias!

E referindo-se ao *Dicionário* da nossa *Academia* diz S. Ex.ª na página 11: — «mal pecado será, se, no plano da revisão dessa obra, não estiver incluída a inserção de todos os nomes de lugar do continente e colónias, com a respectiva significação e etimologia».

Grande visionário!

E' da *Minerva*, de Famação, a edição bem cuidada e bem revista do interessante volume.

O que não impede que na página 35 apareça o provérbio *Nihil novum sub sole* estranhamente estropeado.

A bibliografia do Autor é já bem larga e entre várias promessas a levar ao prelo figura o *Dicionário Etimológico de Nomes Próprios*, com cerca de 14000 artigos.

Já é trabalhar!

FOLHETIM

A SESTA

Por GABRIEL D'ANNUNZIO

(Tradução de L. COELHO)

7

Entretanto, na outra margem os mendigos por zombaria tinham incitado o idiota a fazer a nado a travessia do ribeiro para conseguir uma esmola, se fosse ter com ela. Arrancaram-lhe das costas os seus andrajos e arremessaram no à água.

O idiota nadava como um cão, sob uma chuva de pedras que o impediam de voltar para trás. E o bando hediondo assobiava, bradava e regosijava-se da sua crueldade. Como a corrente arrastasse o idiota, os outros coxeavam pela margem, agitavam-se com estes gritos:

— Ai que ele afoga! Ai que ele afoga!

Após esforços desesperados, o idiota conseguiu alcançar terra. E, sem esconder a sua nudez, porque nele o sentimento de pudor estava morto com a inteligência, caminhou para a dama, obliquamente, segundo o seu hábito, fazendo o gesto de estender a mão a todos os momentos.

Lucas respondeu: — Ainda não o provei.

Martinho diz: — Tu beberás dele... o muito... um copo.

Quería morrer? Que pensava ela naquele momento?

Chegada ao extremo da margem, tombou na água.

E a água borbolhetou, fechou-se, tornou-se plana; depois, mil círculos sucessivos partiram do sitio da queda, alargaram-se em ligeiras ondulações espelhantes, diluíram-se...

Do outro lado, os mendigos chamavam um barco que se afastava.

— Olé! Lucas! Olé, Lucas!

E correram para a casa dos ulmeiros afim de levarem a notícia.

Quando Lucas soube do acidente, dirigiu o barco para o lugar que lhe indicavam e chamou Martinho que na sua "castra", se deixava tranquilamente arrastar na corrente.

— Acolá, diz Lucas, há uma afogada. Mas, nada mais disse, nem detalhes nem nada de pessoa, porque ele não gostava de estirados discursos.

Os dois barqueiros voltaram os barcos, lado a lado, e puzeram-se a remar apressadamente.

E' Martinho quem abre a conversa: — ¿Gostaste do vinho novo de Chi-chiú?...

— E ele fez um gesto que exprimia excelência de bebida.

Lucas respondeu: — Ainda não o provei.

Martinho diz: — Tu beberás dele... o muito... um copo.

— Pela certa!

— A qualquer hora. João Angelo nos espera.

E Lucas: — Pois bem.

Chegados ao sitio viram que o idiota fugia pelas vinhas e estava tomado de um ataque de epilepsia, ele que melhor que ninguém poderia indicar o local do sinistro.

Da outra banda juntaram-se os curiosos.

Lucas disse para o seu companheiro: — Amarra o teu barco e vem para o meu. Tu remarás enquanto procuro.

Foi o que fez Martinho. Ele remava, para montante e jusante, numa extensão duma vintena de metros, e Lucas explorava o fundo do ribeiro com um comprido gancho. Cada vez que sentia uma resistência, murmurava:

— Ei-la.

Mas errava sempre. Enfim, após muitas pesquizas, Lucas gritou:

— E' desta vez, cá está.

E baixou-se, arqueou as pernas para ter mais força, levantou muito devagarinho, docemente, o fardo, suspenso na extremidade do gancho.

Os seus bícepetes tremiam.

Martinho, largando o remo, perguntou: — Queres que te ajude?

Lucas respondeu: — Não preciso.

Pipi.

A. D.

ESPUMANTE NATURAIS

«RAPOSEIRA»

Vinhos resultantes de uma técnica consagrada e uvas especiais.

As novas instalações do

«Notícias de Guimarães»

Continuamos a receber muitas felicitações pela abertura da nova sede do nosso jornal, tendo-nos sido dirigidas algumas cartas em termos que muito nos sensibilizam.

O nosso prezado camarada de «O Primeiro de Janeiro» sr. João de Deus Pereira que nos deu a honra da sua visita, referiu-se também, na sua carta diária, às nossas novas instalações, duma maneira gentil para o nosso jornal.

A todos, os nossos agradecimentos mais sinceros.

Anunciai no «Notícias de Guimarães»

FIM

O Natal dos nossos Pobres

Dar aos pobres é emprestar a Deus, e os ricos e os remediados devem lembrar-se dos muitos pobrezinhos que levam a vida inteira a sofrer e a chorar a sua triste condição humana. Contam-se já às dezenas — muitas dezenas! — as almas que se têm abeirado de nós, implorando, humilde e tristemente, para que não as esqueçamos na Ceia Santa do Natal de Jesus!
E são tantas, tantas!, a pedirem com lágrimas nos olhos um bocadinho de pão para a boca, que o «Notícias de Guimarães» resolveu, a exemplo dos anos transactos, abrir nas suas colunas uma subscrição a favor dos Pobrezinhos, levando-lhes — na grande, evocadora Festa da Família — mais um pouco de alegria aos seus lares sem pão e sem lume.
Migalhas é pão! — e os nossos leitores vão, sem dívida, dar uma esmola — pequena embora — para confortar muita miséria oculta, para consolar muita alma triste, para enxugar muitas lágrimas envergonhadas.
Lançamos este nosso apêlo em nome da Caridade, certos de que todos — ricos e remediados — o escutarão, concorrendo connosco para que o Natal dos Pobrezinhos tenha a bênção de Jesus na Sua Festa Natalícia.

«Notícias de Guimarães»	50\$00
A. F.	5\$00
Um anónimo	2\$50
A. N.	10\$00
P. F.	2\$50

Assinar o «Notícias de Guimarães», é dever de todos os vimearenenses.

Prêso por ter cão,
prêso por não o ter

Aquele eco que publiquei no n.º 145 do «Notícias» — intitulado «Atestados de Pobreza», está a transformar-se num parto laborioso, devido à demasiada impertinência e à invulgar sensibilidade dos srs. Presidentes das Juntas de Freguesia da Oliveira, S. Paio e S. Sebastião. Estes senhores quizeram saber se eram atingidos com aquela notícia, oficiando neste sentido ao digno Director do «Notícias». Para os deixar completamente tranquilos, escrevi um outro eco — «Toque a rebate» publicado no n.º 146 do mesmo jornal, o que, no dizer de suas ex.ªs, ainda não os satisfiz, não obstante eu ter afirmado com delicadeza, lealdade e sinceridade, o seguinte: «... E' justo o seu escrúpulo e tomando essa iniciativa provam que são criaturas incapazes de praticar tais actos. No entanto, quem não deve não teme e, por conseguinte, a sua consciência poderia continuar tranqüilla...»

E sem alterar os termos em que está redigido o eco em referência, que só pode atingir quem se interesse por tais actos ou consinta neles, aqui fica registado este aditamento e, ao mesmo tempo, esclarecimento, tanto mais que se trata de pessoas de quem não tenho motivos para duvidar da sua honestidade e do seu critério. Se o contrário se desse, também não os pouparia. Não sei que mais devia dizer para serenar o espirito dos referidos senhores Presidentes, que voltaram a enviar novo officio, a seguir transcrito, para que os illustres leitores do «Notícias» vejam se eu tenho ou não tenho motivos para chegar à conclusão de que aqueles senhores também se sentiram magoados com

as boas referências que lhes fiz, pois continuam a declarar-se insatisfeitos e descontentes. Seja, porém, como for, continuarei a considerá-los boas pessoas, embora um pouco exigentes, mas cuja exigência não se justifica, a não ser que queiram fazer passar o Pipi a Cò-cò-rò-cò.

Pipi.

Segue o officio:

... Sr. Director do jornal «Notícias de Guimarães».

As Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia de Oliveira, S. Paio e S. Sebastião, desta cidade, tendo reúnido em conjunto para apreciar a local publicada no n.º 146 do jornal que V. ... dirige, de autoria do colaborador «Pipi», e não se confirmando com as explicações contidas na mesma local, visto competir somente às Juntas de Freguesia, e aos Regedores em casos excepcionais, a passagem de atestados de pobreza, e não a qualquer pessoa individualmente, e, por isso mesmo, continuando a julgarem-se atingidas pelas expressões do mesmo «Pipi» enquanto este não indicar o nome da pessoa que passou o atestado de pobreza a que fez menção, solicitam de V. ... o favor de auxiliar as signatárias no sentido de tornar conhecida a pessoa que cometeu tal irregularidade, ilibando assim duma tão grave acusação as entidades, como as signatárias, a quem, como já se diz, compete a passagem dos ditos atestados.

Igualmente solicitam de V. ... a publicação do presente officio, o que muito agradecemos.

A bem da Nação.

Guimarães, 22 de Novembro de 1934.

Os Presidentes das Juntas de Freguesia de Oliveira, S. Paio e S. Sebastião,

Henrique de Sousa Correia Gomes.
Benjamin Constante da Costa Matos.
Manuel Pinheiro.

Visado pela
Comissão de Censura.

NOTÍCIAS PESSOAIS

D. Guilherme da Cunha Guimarães

Regressou a esta cidade, onde vem repousar durante algum tempo, o nosso illustre conterrâneo sr. D. Guilherme da Cunha Guimarães, venerando Bispo de Angra do Heroísmo.

Dr. Francisco Nunes Correia

Deu-nos a honra dos seus cumprimentos de despedida o sr. dr. Francisco Nunes Correia, illustre Juiz de Direito que nesta comarca conquistou as maiores simpatias.

Agradecendo a penhorante visita de sejamos a s. ex.ª as maiores felicidades de que é bem digno.

Dr. João Fernandes de Freitas

Mudou a sua residência e consultório para a rua Trindade Coelho n.º 4 (a S. Francisco) este nosso bom amigo e illustre clínico, que dará consulta das 11 às 13 e às 16 horas.

José Luis de Pina

Vimos já completamente restabelecido o nosso bom amigo e illustre 1.º Comandante dos B. V. de Guimarães sr. José Luis de Pina. Folgamos.

Condes do Paço de Vitorino

Estiveram em Guimarães de visita a seus irmãos — viscondes de Viamonte da Silveira — os srs. condes do Paço de Vitorino e seus filhos D. Pedro e D. António de Abreu Calheiros de Noronha Lobo Machado Pereira Coutinho.

Cónego Alberto Vasconcelos

Regressou das suas propriedades de Sande o nosso bom amigo sr. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos.

Dr. João Neto

Fixou residência nesta cidade, tendo-nos dado o prazer da sua visita o distinto advogado e talentoso poeta sr. dr. João Neto.

Da Cidade

Fundo do desemprego — Pelo fundo do desemprego foram concedidos vários subsídios para obras nos principais monumentos de Guimarães.

Um lamentável incidente — Nos primeiros dias da semana finda produziram-se em Guimarães e Braga uns lamentáveis incidentes, por motivos futebolísticos, dos quais se occupou largamente a imprensa diária do Porto.

Como o caso se encontra já sanado, felizmente, abtemo-nos de fazer sobre elle alguns comentários.

Festas Nicolinas — Iniciaram-se na quinta-feira as antigas festas nicolinas, tendo o cortejo do «Pinheiro» revestido invulgar brilho.

Ao som ruidoso e alegre dos Zés Preiras o cortejo, grande e bem organizado, desfilou pelas ruas da cidade, por entre alas de populares, às 11 horas da noite. Nele se incorporaram 109 juntas de bois, que precediam o carro que conduzia o «Pinheiro», dois interessantes carros alegóricos, um dos quais da mais flagrante actualidade, e a banda

dos B. V. que, no couce, executava o hino de S. Nicolau.

Não podemos deixar de felicitar a mocidade académica pela forma como se soube conduzir na organização do primeiro número das suas festas, e fazemos votos porque os números que se seguirem sejam revestidos do mesmo esplendor.

1.º de Dezembro — Esta histórica data foi comemorada, em Guimarães, com diversas manifestações e um cortejo em que tomaram parte as crianças das escolas, uma banda de música, etc. Os edificios públicos e casas bancárias, estiveram encerrados.

Santa Luzia — Na próxima terça-feira, 4 do corrente, pelas 6 horas da tarde, principiam, na igreja de S. Dâmaso, as tradicionais novenas em honra da milagrosa imagem de Santa Luzia, que se venera na mesma igreja.

A festividade será oportunamente anunciada.

Reunião — No Salão da Associação Artística Vimearense, reuniram-se, há dias, com o fim de tratarem da organização dum núcleo do seu sindicato, vários contabilistas e guarda-livros.

Missa de sufrágio — Foi bem uma manifestação de saúde a homenagem fúnebre prestada, no último domingo, na Basilica de S. Pedro, à memória do compositor musical e nosso conterrâneo, sr. José Guise, homenagem promovida por um grupo de orfeonistas do antigo grupo coral vimearense.

Legados Pios — Todos os responsáveis de Legados Pios ou outras disposições testamentárias (como missas, esmolas em roupas, géneros, etc.), são obrigados a apresentar as respectivas certidões do cumprimento desses legados, durante o mês de Dezembro próximo, sendo executados aqueles que, findo o prazo não dêem cumprimento às disposições dos referidos testamentos.

Ocorrências — Numa taberna existente no lugar de «Moço Morto», próximo de Famalicão, deu-se uma grave desordem, entre *chauffeurs*, tendo sido pedida a intervenção da policia desta cidade. Esta prendeu, próximo já desta cidade, os motoristas José de Oliveira Souza Bastos e Clementino Pinheiro da Rocha, e os seus ajudantes Albino de Freitas e Augusto Pereira, todos de Fafe. O Albino de Freitas e o Clementino Pinheiro da Rocha apresentavam ferimentos nos braços, nariz, tendo sido pensados no Hospital da Misericórdia.

A policia effectuou, no penúltimo sábado, uma rusga às tabernas, apreendendo três navalhas, nove canivetes e outros objectos.

Baptizado — Baptizou-se, no domingo, na parochial igreja de S. Paio, uma filhinha do nosso bom amigo sr. Adérito Neves Saraiva, e de sua esposa, D. Maria Amélia de Carvalho Neves Saraiva, a qual recebeu o nome de Ana Maria.

Foram padrinhos: a avó paterna, D. Adozinda Figueiras Saraiva, e o avó materno, sr. Manuel José de Carvalho.

Funeral — No templo de S. Francisco, celebraram-se, no domingo, os responsos de sepultura, por alma do in-

OS NOSSOS AMIGOS

Pediram a assinatura do nosso jornal os srs. Eduardo de Oliveira Machado, conceituado comerciante desta praça, e Joaquim de Oliveira, desta cidade.

Vieram à nossa redacção, pagar a importância das suas assinaturas, os nossos bons amigos srs. Padre Francisco de Melo e António Ribeiro.

A todos muito agradecidos.

dustral, sr. Teodoro Leite, os quais estiveram muito concorridos.

Assistiram, além de muitas pessoas das relações do extinto e familia todo o corpo activo dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, com a respectiva banda de música.

O cadáver foi conduzido ao cemitério municipal da carreta daquela prestimosa corporação Vimearense.

Espectáculo cinematográfico — Um grupo de amigos e futuros componentes da Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, desejando que a nossa Banda, na futura época de verão, possa apresentar-se em público completamente remodelada, quer em pessoal quer, ainda, em instrumental, resolveu levar a efeito, no próximo dia 6 de Dezembro, uma sessão de cinema, com a deliciosa Cine-Opereta «Cruzeiro de Amor», interpretada pelos distintos artistas Lillian Harvey e André Roann, revertendo o produto desta sessão para ajuda da aquisição de novos instrumentos e concertos nos existentes.

Os poucos bilhetes que restam podem ser marcados pelo telefone n.º 171, Barbearia do sr. Simão Costa, Rua 31 de Janeiro.

Casacos de malha e blusas para senhora. Pollovers e coletes para homem. O maior sortido, a maior novidade e aos preços mais módicos

— NA —

CASA DAS GRAVATAS.

.....

João Neto

Advogado

Residência: Escritório:

A. M. Bombarda, 54 Toural, 116

(Quarto d Estação do C. F.) (Junta do Dr. José de Oliveira)

Telefone 58

Guimarães

.....

ESPUMANTE NATURALIS

«RAPOSEIRA»

Concorrem vantajosamente

com as grandes marcas da

«Champagne»

.....

CACHE-COLS

Ver nas montras da

Chegaram os últimos modêlos

de Paris.

CASA DAS GRAVATAS.

.....

Chama-se a atenção para a 4.ª página.

M A I L H A S

COLOSSAL SORTIDO

Camisolas

Pull-overs

Casacos

Vestidos

Fatinhos

Capinhas

Cache-corsets

Meias

Peúgas

Luvras

Cache-cols

Lãs em fio,

Camisas

Pyjamas

Ceroulas

Polainitos

COMPRANDO
NA NOSSA
CASA
COMPRA
BOM
E
BARATO.

Camisaria Martins

Telefone
186

CASA DAS MEIAS

Crónica Desportiva

No 1.º jogo da 2.ª mão de Campeonato o «Vitória» vence o «Gil Vicente» por 7 a 2 — Comentários — Calendário de jogos de Campeonato — Convite ao «Carcavelinhos» de Lisboa

Iniciou-se no passado domingo a 2.ª volta do Campeonato Distrital com o jogo «Vitória»-«Gil Vicente», de Barcelos. Houve regular concorrência no Campo do Benlhevai. A' hora aprazada já os grupos haviam feito a sua entrada com as seguintes linhas:

Vitória — Elisio; Paredes e Maneca; Sequeira, Gonçalves e Sousa; Constantino, João Jesus, Simões, Virgílio e Bravo.

Gil Vicente — Luís; Saraiva e Miranda; Tito, Palmeira e Pereira; Henrique, Vieira II, Alberto Guimarães, Vieira I, e Alberto Amaral.

A's 15,14 surge no retângulo o árbitro, sr. José Pereira, do Colégio Portuense d'Arbitros.

Escolhidos os campos, coube a saída ao «Vitória» que joga contra o sol. A's 15,25 é dado começo à partida, esboçando-se jogadas de estudos. O «Vitória» aperta a defesa do *team* de Barcelos, que manda a bola para *corner*. Marcado este, o guarda-redes do grupo visitante recolhe o esférico com relativa facilidade. Aos 7 minutos, Virgílio passa a Bravo, que corre ao longo da linha de *touché* e tira um bom centro, que o primeiro destes jogadores aproveita e remata a contar *goal*. Posta a bola em jogo, de novo o «Vitória» se infiltra no terreno dos barcelenses, e, decorrido um minuto, Gonçalves passa a Constantino, que centra, e que João Jesus remata a contar o 2.º *goal*. Nova saída, e é Virgílio que, senhor do esférico, passa a Bravo, extremo-esquerdo, que centra e Simões aproveita a contar o 3.º *goal*. Bola ao centro, e «Gil Vicente» tenta a natural reacção obrigando Paredes a uma má entrada que ocasiona *corner* que nada resulta. Novas investidas dos barcelenses, em que Paredes tem uma má actuação. A's 15,48, numa abertura de Simões a Constantino, este desce ao terreno do adversário, centra, e é João Jesus quem remata a contar o 4.º *goal*. A's 16, investidas de «Gil Vicente» que obrigam a defesa vimaranense a mandar duas vezes para *corner*. Ainda outra investida, e novo canto marcado ao «Vitória». A's 16,6, aliviado o terreno, a linha vimaranense delinea uma bela e vistosa jogada que a defesa barcelense intercepta. Mais um passe e sôa o apito do *refrain*.

No 2.º tempo coube a saída ao «Gil Vicente». Aos 3 minutos de jogo, Simões marca o 5.º *goal*. Bola ao centro, passes indecisos, e Gil Vicente aproveitando a má combinação dos defesas alvi-negros, aos 7 minutos consegue marcar o seu ponto de honra. Aos 8 minutos dá-se uma boa combinação da asa-esquerda vimaranense de que Virgílio consegue marcar o 6.º *goal*. *Corner* contra o Gil que nada resulta. Outro canto que o guarda-redes barcelense defende. Despachada a bola, Constantino consegue captar, corre ao terreno de Barcelos e obriga Luís a uma defesa de classe, mandando a bola para *corner* e o qual não resulta. Uma descida de Barcelos, que conta o seu 2.º ponto. Há jogadas de mero treino. Paredes corre o *têclado* dos lugares como lhe apraz. Por vezes, fica parado e faz emperrar a linha e a sua combinação. Há uma fugida dos vimaranenses e João Jesus, transporta a defesa, remata e conta o 7.º *goal* para as côres cidadinas.

O «Vitória» jogou bem nos primeiros vinte minutos da 1.ª parte e pena foi que assim o não fizesse na 2.ª parte, para seu próprio treino.

Bem sabemos que o jogo não despertava superior interesse en-

tre os contendores postos em jogo.

Todavia, achamos que se brincou de mais, continuando-se no abuso de se fazer em campo o que cada um quer, sem que o capitão da *equipe*, treinador ou técnicos imponham a sua autoridade. Só faltou ver o Elisio Abreu abandonar o seu posto e jogar na linha dianteira! De resto, mexidinha, a dança do vira foi patapeada a bel-prazer dos *players* vimaranenses, dando fraca nota de si e, mostrando menos consideração para com o público.

E' bom que se não forcem as notas, para que não nos obriquem a largar... alguma fiffia.

Viva o respeito e... a disciplina.

Calendário dos Jogos de Campeonato

Em Guimarães:	Vitória vence o Gil Vicente por	7 a 2
Em Fafe:	Sporting de Fafe vence o Sporting de Braga por	2 a 0
Em Braga:	Comercial vence o Espozende por	2 a 0

Reservas

Em Braga:	Maziminense vence o Atlético por	3 a 0
-----------	----------------------------------	-------

Classificação

(Segundo o «Correio do Minho» (*)	Pontos
Sporting de Braga	22
Vitória Sport Club	21
Sporting de Fafe	20
Comercial de Braga	18
Gil Vicente	12
Espozende	12
Maria da Fonte	11
S. C. de Famalicão	8

(*) Continúa à cabeça o «Sporting de Braga» que a jogar com Barcelos terá de determinar uma incógnita.

Foi convidado a vir jogar a esta cidade o «Carcavelinhos Football Club» de Lisboa, devendo deslocar-se a Guimarães no próximo dia 1 de Janeiro.

ESPECTADOR.

TERRENO

O melhor situado, junto do edifício dos novos Paços do Concelho em construção, com a superfície de 590m² vende-se.

Informa esta redacção.

Acêrca do castigo imposto a dois árbitros de Guimarães

Pelo nosso redactor-desportivo foram recebidas as cartas abaixo publicadas, que, por desassombradas e altivas, gostosamente transcrevemos, já porque representam distribuição de justiça, já porque desvendam os *bons* intentos dos mentores da A. F. B.

«Meu caro Filipe:

O Colégio de Arbitros de Braga, de que fazia parte, castigou-me com a suspensão de 45 dias a pretexto de ter feito *desprimorosas* e *descabidas* referências e por empregar adjectivos sem educação, etc. Tudo isto a propósito do protestado desafio Vitória-F. C. de Famalicão. Mas eu limitei-me a dizer a verdade do que se passou. Como árbitro, não podia solidarizar-me com a atitude dum miserável sem carácter nem brio desportivo que se prestou a tão nojento frete. O que eu disse está testemunhado por todos os assistentes ao referido desafio (excepção feita aos digníssimos delegados da A. F. B.) e até pelos dirigentes do F. C. de Famalicão, que são desportistas íntegros e homens de carácter, estando por certo que confirmam absolutamente o que escrevi. Por isto fui castigado. Agradeço-te o favor de publicares o officio junto em que peço a minha demissão de árbitro, para dar uma satisfação aos que me conhecem e não me julgam — *mentiroso*.

Teu

Amadeu Carvalho.

Ex-árbitro do C. B. de Arbitros de Futebol.»

Carta dirigida ao Colégio de Arbitros

Ex.ª Direcção do Colégio Bracarense de Arbitros de Futebol — Braga.

Dolorosamente surpreendido com o segundo motivo da suspensão que acaba de me ser imposta pelo C. B. de Arbitros de Futebol, pretensamente justificada com um fundamento que a minha consciência de homem de bem recusa aceitar por menos justa e caluniosa, devolvo a V. Ex.ª o cartão de árbitro, considerando-me assim desde já demittido de membro desse colégio. Permitam, porém, V. Ex.ª que antes de me afastar definitivamente lhes manifeste a repulsa que neste momento sinto por aqueles que, aferindo talvez a dignidade alheia pela razão com que costumam medir a sua, não tiveram pejo de acunhar de *desprimoroso* e falso quem, como eu, tem a plena cons-

ciência de ter dito a verdade, unicamente a verdade e nada mais.

Que a attitude assumida convenha à defesa de injustificados interesses, só pela sombra e a coberto da calúnia, têm coragem (!) de se manifestar, não o dis-cuto agora, nem me compete fazê-lo; que é imoral, anti-desportiva e atentória aos mais elementares princípios da sã moralidade, não me resta dúvida nenhuma.

Aí vai, pois, o cartão. Os 45 dias apliquem-os V. Ex.ª aos insignificantes sem nobreza que assim pretenderam empocalhar num arremedo de julgamento a attitude digna de uma pessoa de bem.

Com a lealdade que sempre pús nos meus actos, devo dizer a V. Ex.ª que reservo para fazer deste officio o uso que entender.

Guimarães, 29 de Novembro de 1934.

Amadeu Carvalho.

* * *

Ex.º Redactor-desportivo do «Notícias de Guimarães:

Atingido com uma suspensão ignóbil, que repudio, agradeço-lhe o favor da publicação da carta junta que enviei ao Colégio Bracarense de Arbitros, para minha justificação perante aqueles que me conhecem.

Desejo-lho Saúde e Desporto.

José Ferreira da Silva.

Ex.ª Direcção do Colégio Bracarense de Arbitros de Futebol — Braga.

Tendo tido particular conhecimento do vº officio, n.º 40, endereçado ao sr. Amadeu José de Carvalho, desta cidade, e porque sempre fui coerente com os meus actos e me torno perfeitamente solidário com aquele meu colega, uma vez abrangido nos motivos da pena que o condenou, devolvo o meu cartão de árbitro para que me demitam e também os insultos *desprimorosos* e *descabidos* com que me pretendem atingir.

Reservando-me no direito de dar a esta carta a publicidade que entender, subscrevo-me

José Ferreira da Silva.

Guimarães, 29 de Novembro de 1934.

Aos nossos assinantes de fora

Mandamos já para o correio os recibos dos nossos preza-dos assinantes de fora do concelho, referentes ao 2.º semestre deste ano, esperando que nos seja dispensado o costumeado bom acolhimento.

ARREMATACÃO

(1.ª Publicação)

No dia 13 de Janeiro próximo futuro, por 12 horas, ha de proceder-se em hasta pública, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, situado na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, à arrematação dos bens imobiliários abaixo mencionados, em consequência de deliberação dos interessados no inventário orfanológico por óbito de Carolina da Cunha, viúva de José de Almeida Guimarães, do lugar do Caneiro, freguesia de Moreira de Cónegos, desta comarca, bens que serão entregues pelo maior lance que obtiverem acima dos valores que vão designados, ficando a cargo dos arrematantes, além das despesas da praça, toda a respectiva siza; a saber: — Na freguesia de Moreira de Cónegos: — Duas leiras de terra lavradia com árvores de vinho e uma ramada e tanque com água de mina de que tem um dia por semana, chamadas da Gandra de Cima e de Baixo, também denominadas da Granja de Cima e de Baixo: entram em praça pela quantia de 7.200\$00. — Leira chamada do Rio: entra em praça pela quantia de 920\$00. — Prédio rústico situado no lugar do Souto, que consta de dois pedaços de terreno juntos e unidos e que hoje constituem a leira denominada do Souto, terreno lavradio com árvores de vinho: entra em praça pela quantia de 1.050\$00. — Campo ou leira de terra lavradia denominado do Casal. Tem água desde 24 de junho até 15 de Agosto de cada ano, para rega, um domingo sim, outro não, desde o nascer do sol até ao meio dia, ou desde o meio dia até ao pôr do sol, conforme lhe pertence: entra em praça pela quantia de 10.500\$00. — Um pedaço de terreno de cultura com árvores de vinho com uma ramada e água de mina, no lugar da Ponte da Aldeia: entra em praça pela quantia de 3.040\$00. — Propriedade de casas terreas e sobradadas, terrenos de horta com árvores de vinho e fruta, no lugar da Ponte da Aldeia; tendo do lado de fora um bocado de terreno: entra em praça pela quantia de 6.400\$00. — Propriedade denominada da Ponte da Aldeia, no lugar do mesmo nome, que consta de uma morada de casas de um andar, sobradada e telhada e de três casas terreas e telhadas e terra de horta com árvores de vinho e fruta e ramadas: entra em praça pela quantia de 9.060\$00.

Na freguesia de Gandarela — Uma parcela de terreno com a superfície de quatro centos trinta e um metros quadrados: entra em praça pela quantia de 90\$00. — Dois pedaços de terreno inculto, com uma ramada, os quais fizeram parte da Bouça do Giestal de Baixo e se acham juntos e unidos: entram em praça pela quantia de 132\$00. — Propriedade denominada da Boa-Vista, outrora

das Portelas, que se compõe de duas moradas de casas, dois cortellos e terras de horta e ramadas, tendo água de mina. E' de natureza de prazo, foreira a D. Iria Moreira de Faria e sua filha D. Guilhermina Amélia Moreira de Faria, do largo do Parque, da vila de Santo Tirso, a quem se paga o foro de \$90: entra em praça, já com deducção do mesmo foro, pela quantia de 8.808\$00.

Domínio directo — O foro anual consistente em cento e trinta e cinco litros nove centos quarenta e dois mililitros de trigo, trezentos quarenta e quatro litros seis centos sessenta e oito mililitros de pão meado, cento oitenta e cinco litros oito centos e cinquenta e seis mililitros de vinho, um carro de palha painça, duas galinhas, catorze quilos e seis centas oitenta e oito gramas de marrã e um carro de lenha, com laudémio da quinta parte, tendo este o abatimento de dez por cento, sendo as galinhas pagas no dia de Todos os Santos e a marrã e lenha no Natal, e tudo o mais no dia de S. Miguel de Setembro, imposto no casal denominado das Condessas de Cima, situado na freguesia de Moreira de Cónegos e actualmente possuído por Alexandrina da Costa Freitas, casada com António de Almeida, do lugar do Outeirinho, da mesma freguesia: entra em praça pela quantia de 18.512\$30.

Guimarães, 24 de Novembro de 1934.

O Chefe da 2.ª Secção,

Serafim José Pereira Rodrigues

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito substituto em execução,

João Ayres.

CAIXA ESCOLAR DA ESCOLA I. E. C. DE «FRANCISCO DE HOLANDA»

Foi eleita a seguinte Direcção da Caixa escolar deste estabelecimento de ensino, para o exercicio do ano lectivo de 1934-1935:

Presidente, João Gonçalves Martins; Vice-presidente, Octávio Machado; Tesoureiro, José Ferreira Martins; Secretário, Manuel da Silva Antunes; Vogal, Gonçalo Bourbon do Amaral.

Para o Conselho Fiscal, que tem como presidente o professor sr. Dr. João de Oliveira Bastos, foram eleitos os alunos Joaquim Fernandes Marques e António Leite Martins Fernandes, servindo o 1.º de secretário e o 2.º de vogal.

Oxalá que os novos corpos gerentes sigam a orientação dos anteriores, que, de entre muitos benefícios prestados aos alunos pobres, pois foram cerca de 100 os contemplados com fornecimento de livros, pagamento de propinas e de documentos para a matrícula, incluindo, ainda, o fornecimento de algum vestuário, conseguiram, também, comprar algum mobiliário para a sala da Direcção. Além disso, a mesma Direcção cessante criou na escola a organização de um grupo desportivo e levou a efeito, com o valioso auxilio do sr. A. L. de Carvalho, a realização de um espectáculo, o que pela primeira vez se fêz nesta escola, e cuja receita muito contribuiu para que a referida Caixa escolar pudesse gastar com os alunos pobres uma quantia superior a dois mil escudos. Também a mesma Direcção elaborou um interessante programa, do qual consta a efectivação de uma festa anual, a confecção de um livro escolar, etc., etc.

Tudo isto, que é muito, se deve ao zelo e dedicação com que exerceram os seus cargos os membros da Direcção e Conselho Fiscal anteriores, sendo de justiça, sem desprimor para nenhum, salientar as qualidades de trabalho e de iniciativa do ex-presidente da Direcção, o aluno sr. António Martins Júnior, que se revelou um intrínseco defensor do progresso da citada Caixa escolar. As nossas felicitações, pois, aos cessantes e aos eleitos.

Arrematação

No dia 16 de Dezembro próximo, por 12 horas, à porta do tribunal desta comarca, situado na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, volta pela terceira vez à praça, sem valor, o direito e acção abaixo mencionado, que foi penhorado em execução por custas e sêlos que na comarca de Vila do Conde move o Ministério Público contra José de Castro Ferreira Lobo, viúvo, da freguesia de Labruge, dessa comarca, e outros, a saber: O direito e acção à dívida litigiosa consistente em 80 alqueires de milho e 1.000 litros de vinho que ao casal da falecida Rosa de Jesus Pimenta Machado, que foi da dita freguesia, deve Alberto de Almeida, casado, da freguesia de Lordêlo, desta comarca. A referida dívida pertenceu ao executado José de Castro Ferreira Lobo e dela foi constituído depositário o dito devedor, que, no acto

Pevidém em festa

Mais uma escola que abre as suas portas ao serviço da instrução popular

Pevidém — aquele laboriosissimo centro fabril que muito honra a nossa terra — esteve no domingo em festa, por motivo da inauguração da nova escola, acto que atingiu fóros de invulgar acontecimento.

Acordes musicais da excelente filarmónica de Pevidém, foguetes, flores, palmas, vivas e o tremular de muitas bandeiras, tudo, enfim, nos dizia que o populoso centro — Santuário de Trabalho — vivia uma das suas mais belas horas vendo abrirem-se as portas de mais um Templo de Instrução.

Presidiu o sr. Governador Civil deste distrito, o qual usou da palavra, bem como os srs. dr. José Francisco dos Santos, presidente da Câmara, dr. João Antunes Guimarães, antigo ministro do Comércio, dr. José Sebastião de Menezes, Conde de Alentem, Inspector Escolar e Joaquim Augusto de Moura Vasconcelos, professor da escola, os quais foram muito aplaudidos pela numerosa e selecta assistência, entre a qual se viam muitas senhoras.

Após os discursos, foi lido pelo sr. A. L. de Carvalho o seguinte auto:

«Aos 25 dias do mês de Novembro do ano de 1934 foi, solene e festivamente inaugurado este edificio, para nêle funcionarem as Escolas Primárias da freguesia de S. Jorge de Selho, sitas no Pevidém.

Gerado este edificio no pensamento autorista da Junta de Freguesia, sob a presidência do sr. Aprigio da Cunha Guimarães, coubera à Sociedade Martins Sarmento, como propulsora do ensino popular, no concelho de Guimarães, dar-lhe o impulso criador, alcançando para isso do seu illustre sócio honorário o sr. dr. João Antunes Guimarães, então Ministro das Obras Públicas do Governo Nacional, o primeiro subsídio destinado à sua construção.

Havendo participado o Estado e o Município nesta obra de grandeza cívica e alcance cultural, é hoje, em um claro dia de sol e com a presença festiva do povo laborioso e honesto deste centro fabril e povos circunvisinhos que se abre esta Escola.

Ao acto inaugural presidiu o sr. capitão Lucínio Presa, como primeira autoridade do distrito, representante do Governo, assistido pelos srs.: Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, Inspector-Chefe do Distrito Escolar, professores officiais, crianças das escolas, representante da S. M. S., rev. pároco, presidente e vogais da Junta de Freguesia, regedor, membros da União Nacional, Imprensa e muitos convidados de representação.

Em testemunho de que este edificio escolar se fez para servir os filhos do povo e a nação, teve inicio a cerimónia pela saudação à bandeira da Pátria, sob os acordes do hino nacional — «A Portuguesa».

Em seguida, foi cortada pelo Chefe do Distrito a fita simbólica, dando-se entrada no edificio, engalanado e festivo. E porque a massa popular, que affluira ao acto, era grande, usaram da palavra, ao ar livre, os srs.: Governador Civil do Distrito, dr. José Sebastião de Menezes, presidente da Câmara, conde de Alentem e Inspector Escolar do Distrito.

E, para que conste e frutifique este nobre empreendimento, em prol do ensino popular, eu, A. L. de Carvalho, como director da Sociedade Martins Sarmento e vereador da Instrução, no concelho, redigi este auto que, depois de lido, vai por todos ser assinado.

Seguidamente foi oferecido aos convidados, num dos amplos salões da escola, um delicado «Pôrto d'Honra» que decorreu no meio do maior entusiasmo, tendo brindado, entre outros, os srs.: dr. João Antunes Guimarães, dr. Sebastião de Menezes, António José Pereira de Lima, actual administrador do concelho; A. L. de Carvalho, director da Sociedade de Martins Sarmento, rev. pároco da freguesia de Santa Maria de Silvares, etc.

O «Notícias de Guimarães» agradece o convite que lhe foi dirigido para a festa e felicita todos quantos contribuíram para a realização de tam grande melhoramento.

da penhora, declarou nada dever ao casal inventariado.

Ficam citados quaisquer credores incertos.

Guimarães, 26 de Novembro de 1934.

O Chefe da 2.ª Secção

Serafim José Pereira Rodrigues.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito substituto em execução,

João Augusto Ayres.

Notícias de Guimarães

Ex.º Sr.

Sociedade de Martins Sarmento